

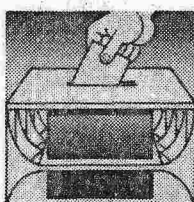


Epitácio Pessoa/AE

Maluf em caravana no centro: vaia dos petistas no último esforço no enalço dos votos de Sílvio

PDS disputa o espólio de Sílvio

Na ânsia de conseguir o apoio de Sílvio Santos, Maluf tenta fazer com que Hebe Camargo convença seu patrão. Sílvio, no entanto, não quer dar seu aval ao candidato do PDS



Um dia depois da proibição de propaganda eleitoral, Maluf vai às ruas do centro em caravana, se defronta com hostilidades de petistas e desiste de caminhada

REINALDO BESSA e
MARILENA ROCHA

Na última sexta-feira, um dia depois de o TSE haver impugnado a candidatura do empresário e animador Sílvio Santos, a apresentadora de televisão Hebe Camargo foi acordada — às oito horas da manhã — pelo candidato do PDS, Paulo Maluf. “Mas a esta hora?” resmungou ela ao ser informada pela empregada, Nice, de que Maluf a esperava “ansioso” na sala de sua casa, no bairro do Morumbi, em São Paulo.

A inesperada visita era o início de uma corrida contra o relógio que Maluf iniciara na quinta-feira à noite, tão logo tomou conhecimento da decisão do Tribunal. Maluf voou de Recife para São Paulo com o objetivo único de se antecipar a conquistar o espólio da meteórica candidatura Sílvio Santos. Sem rodeios, o candidato do PDS fulminou a amiga ainda meio sonolenta:

— Hebe, minha querida, você precisa convencer o Sílvio a me apoiar.

— Não adianta, Paulo, ele já disse que não vai apoiar ninguém, devolveu Hebe.

Maluf não desistiu. Convidou Hebe a acompanhá-lo até a casa do animador, numa rua paralela à da apresentadora, no mesmo bairro. Hebe ainda argumentou que seria arriscado os dois baterem à porta de Sílvio aquela hora, pois a imprensa poderia vê-los. Mas Maluf insistiu e a convenceu. “Ele é muito perseverante quando quer uma coisa”, resigna-se Hebe.

Enquanto davam a volta no quarteirão, Hebe fez mais uma tentativa para se livrar da incômoda situação: “tenho certeza de que não vai adiantar falar com o Sílvio”. Maluf sequer respondeu. Ao chegarem à casa de Sílvio, às 8h30, o porteiro Arlindo Gomes informou que o patrão estava no cabeleireiro Jassa. Hebe respirou aliviada, mas apenas poucos segundos. Maluf decidiu ir até o salão — um dos

mais sofisticados de São Paulo — e a convidou.

— Você está louco? Já pensou o que vão dizer se virem a gente chegando ao Jassa a essa hora da manhã? — retrucou impacientemente.

— Então, eu vou sozinho — decidiu o candidato do PDS.

O que aconteceu depois, Hebe não sabe. O certo é que Sílvio descartou qualquer apoio a outro candidato, inclusive a Maluf, como ele afirmou numa entrevista concedida ao *Jornal da Tarde*. E Maluf continua brigando pelo apoio — e pelos votos — do dono do SBT até o último minuto antes deste primeiro turno da eleição. A persistência do candidato do PDS acabou, finalmente, convencendo Hebe a pedir que os eleitores de Sílvio dessem seu voto para ele, Maluf.



Ovidio Pereira/AE

Hebe: mediadora de Maluf

No debate de anteontem, pelo SBT, Maluf também aproveitou a última oportunidade de aparecer na TV, antes da eleição, para atrair o animador. Prometeu, se eleito, dar um ministério a Sílvio Santos.

Mas esta não foi a primeira vez que Hebe Camargo usou seu prestígio junto ao patrão para ajudar o amigo Maluf. Num jantar ocorrido há cerca de dois meses, na casa de Sílvio, onde deveria ser discutida a renovação do contrato de Hebe com o SBT, ela, como boa malufista, tentou afastar Sílvio da sucessão presidencial.

— Sílvio, não se envolva com política, é uma coisa muito suja para você — aconselhou.

Sílvio Santos ouviu o conselho calado e não deu nenhuma resposta. Dias depois, em Nova York, Hebe soube da tentativa do animador em se lançar candidato pelo PFL. “Acho que ele foi mordido pela mosca”, limitou-se a comentar com o marido, Lélvio Ravagni.

Hebe diz que não mudaria seu voto se Sílvio Santos permanecesse na disputa. “Só o apoiaria se ele tivesse entrado desde o início, como os outros.” Apesar de considerar o dono do SBT um empresário bem-sucedido, Hebe não sabe se ele seria um bom presidente da República. “Ser presidente é outra coisa”, opina.

CARAVANA

Mesmo com a legislação eleitoral proibindo quaisquer manifestações a partir da zero hora de segunda, o candidato Paulo Maluf (PDS) fez ontem campanha pelas ruas da cidade por mais de quatro horas, distribuindo farto material de propaganda pelos 70 quilômetros que percorreu com uma pequena mas barulhenta caravana de veículos. A indiferença que encontrou ao longo do trajeto deu lugar a hostilidades no Centro, onde um grupo de petistas fez com que Maluf desistisse da caminhada prevista no roteiro.

A partir da esquina da Rua Xavier de Toledo com a Praça Ramos de Azevedo, um grupo de boys e estudantes tirou o sossego da caravana de Maluf. Se no Ibirapuera, Santo Amaro, Pinheiros e Lapa as pessoas se limitavam a olhar a caravana sem esboçar qualquer reação ou até respondiam aos acenos de Maluf, na região central o que ele mais ouviu foram vivas dados ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva: “Brasil urgente/Lula Presidente”.

Na Praça do Patriarca, várias mulheres cercaram a camioneta em que Maluf seguia de pé e ensaiaram timidamente uma resposta aos petistas: “Maluf no poder”, gritaram jovens e senhoras, sem muito empenho. Com dois ônibus à frente do desfile, a caravana malufista avançou dezenas de faróis vermelhos, deixando atrás de si uma enxurrada de santinhos e adesivos nas ruas e calçadas.